



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ABUSANDO DAS MUSAS

Luiz Renato de Souza Pinto

Instituto Federal de Mato Grosso, lrenatopinto@bol.com.br.

RESUMO: José de Mesquita nasceu no final do século XIX e foi presidente do Centro Mato-grossense de Letras, fundado em 1921, depois transformado em Academia Mato-grossense de Letras, órgão que presidiu desde a fundação até o seu falecimento, em 1961, ou seja, por quarenta anos. Foi objeto de estudos em nível de Mestrado na UFMT, com defesa apresentada em 2006, na cidade de Cuiabá-MT. Na dissertação intitulada *Rica/bendita; pobre/mal-dita: as cores da mulher em José de Mesquita (1915-1961)* faço um apanhado do governo de Dom Aquino Correa, de 1918 a 1922, focando o estudo na representação da mulher em sua obra, quer seja em textos doutrinários, poesia e prosa. O presente artigo versa sobre tal representação na poesia, extraído do segundo capítulo da dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; Mulher; Representação; Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

Fim da primeira guerra mundial, distúrbios sociais por todos os cantos do país. Explosão de acontecimentos populares assola a população espremida por uma política de curto alcance social. A velha república tratando as diferenças com ferro e chumbo. Ação e Reação, facções na luta pelo poder local. O coronelismo mato-grossense sob a batuta de Dom Aquino. Nova realidade aos olhos do mato-grossense. Toda uma cultura recheada de movimentações, constituindo novos espaços para a realização plena de um universo cultural. Grêmio Literário Júlia Lopes (1916), Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919), Centro Mato-grossense de Letras (1921), Clube Feminino (1928), e demais instituições de caráter cultural e filantrópico que se somavam para a preservação de um *status quo* vigente, na ótica de uma elite cultural que se impõe pelo poder político e econômico, a partir dos quais as instituições culturais são referências de primeira hora.

Pensar as relações sociais no início do século XX é nos defrontarmos com uma realidade construída a partir da diferente posição homem/mulher no mesmo meio, em uma época em que lugar da mulher, por excelência, era em casa, na igreja e na escola. Com o advento da psicanálise e o autoconhecimento sobre o próprio corpo, a relação homem/mulher começa a ser desmembrada em uma ótica que busca desvendar aspectos antes não discutidos sobre a sexualidade humana.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Falar de feminilidade implica em abstrair-se da ótica masculina a construção ideológica de um outro corpus. O espaço outrora destinado à mulher tem suas fronteiras alargadas e encontra terreno fértil para se reproduzir graças a um sem número de contribuições de intelectuais que se debruçam sobre esta questão.

METODOLOGIA

O presente artigo compõe o segundo capítulo da dissertação *Rica/bendita, pobre/mal-dita: as cores da mulher, em José de Mesquita (1919-1961)*, defendida no ano de 2005 no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá e busca uma discussão sobre a representação da mulher no conjunto da obra do escritor José de Mesquita, abarcando seus textos doutrinários, poesia e prosa. Para tanto, procedemos à leitura de sua obra em microfilmes, livros e revistas durante o período de dois anos.

Mais que uma questão de gênero, a poética de Mesquita se apresenta como um espaço de louvor à graça e à beleza, extensivas não só à mulher, como à Cuiabá, sua cidade-verde, eterna musa, como também à nação brasileira, terra brasilis, mãe pátria que o recolheu do ventre e o mantém no colo, em berço esplêndido, de tão admirador dos vultos e bastiões da pátria, com toda a sua simbologia.

RESULTADOS

1919 é um ano de muita significação para a obra de Mesquita. Publica seu primeiro livro, intitulado *Poesias*, em comemoração ao bicentenário da velha capital, inspiração dessa coletânea de 108 poemas divididos em poemas de amor, da natureza, do sonho e da arte. Mesquita apresenta em seus poemas do livro de estreia uma visão de seu povo, na qual se percebe que para ele

Toda a nossa história, desde a fase inicial das Monções e das Bandeiras, atravessando o período das guerras contra os Paiaaguás e das lutas com os espanhóis, até essa formidável campanha dos cinco anos contra o ditador de Assunção, toda a nossa história se desenrola numa sucessão maravilhosa de fatos invulgares, dentro desse diedro em que se refletem a valentia rija e máscula e o sofrimento doce e comunicativo (MESQUITA, 1937).

A citação de MESQUITA se reveste de uma adoração às fontes utilizadas para o engrandecimento a que se propõe. Cruzando essas informações com a visão que tem do cronista



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BARBOSA DE SÁ, percebemos o tom acrítico que referenda o discurso do poder instituído. A respeito da morte do cronista, a 30 de maio de 1776, MESQUITA refere-se ao episódio como uma ruptura em que

Desaparecia com ele o cronista da nossa história primitiva, o narrador fiel e minucioso dos fatos iniciais da nossa vida político-administrativa, aquele a quem nós outros, mato-grossenses, bem como os gregos a Heródoto, poderíamos cognominar o pai de nossa história.

A sua “Relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso de seus primeiros thé os presentes tempos”, que outra coisa não é que o próprio texto dos anais do Senado da Câmara de Cuiabá, copiados da crônica de Barbosa, representa a única fonte segura e autorizada da historia de Mato Grosso (MESQUITA, 1978, p. 140).

Única fonte segura e autorizada. Com que garantias podemos tomar as descrições de Barbosa de Sá como verdadeiras? Autorizada por quem essa narrativa atinge o status de documento/monumento, sem que se possa questioná-la como uma construção ideológica que reveste as relações de força no campo dialético colonizador/colonizado? Não nos esqueçamos de LE GOFF que nos alerta para o perigo dessas generalizações:

O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica (LE GOFF, 1996, p. 536).

O uso excessivo de adjetivos na citação de MESQUITA já demonstra certo exagero romântico que transforma os reais propósitos do ideário positivista do escritor. Lembra-nos ainda LE GOFF, que

Assim, Paul Zumthor descobria o que transforma o documento em monumento: a sua utilização como poder. (...) a concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que essa revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que seja ele – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder (LE GOFF, 1996, p. 545).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao homenagear Cuiabá MESQUITA produz um livro idealizante, bastante laudatório. Em conferência proferida no Centro Mato-grossense, na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de Junho de 1936, MESQUITA endeusa os atos gloriosos dos vultos nacionais, lembra Rondon, Taunay e todos os grandes vultos da Guerra do Paraguai, execrando Solano Lopez e outras versões do embate. Mato Grosso é heroico, na visão incontestável pela elite dirigente da qual MESQUITA se faz porta voz e de onde lança seus conceitos ora em prosa, ora em verso.

Em *Epopéia mato-grossense*, como o próprio título sugere, aparecem vários perfis femininos constitutivos do projeto literário de MESQUITA. O livro é dividido em partes, a saber: A Terra Virgem, A Colônia, A Era das Fundações, Cyclo Imperial, A guerra, O Sul, Era Nova. Os títulos de cada uma das partes sugerem uma construção linear da visão épica de formação da cultura mato-grossense. Ações grandiosas de ocupação, conquista e resistência de territórios nos trazem personagens épicas ocupando vazios existenciais desassistidos pelos acontecimentos extraordinários, conforme a dicionarização do termo epopeia.

As informações sobre mulheres no período não são privilégio da literatura e historiografia mato-grossense. Nos últimos anos algumas publicações têm trazido à tona mais detalhes. Muitas mulheres não brancas, ou brancas pobres deixaram rastros nunca perseguidos pela historiografia oficial do período. Graças ao trabalho de alguns pesquisadores como Maria Adenir Peraro, temos colhido informações importantes.

Com base nas atas de batismo, podemos afirmar que essa parcela de mulheres não pertencia à elite local, mas às camadas populares. Isso porque as de “boa estirpe” recebiam do pároco a designação de Dona e aos respectivos nomes era acrescido o do marido e ou pai de seus filhos. Mulheres com sobrenomes, a exemplo de Correia da Costa, Gaudie Ley, Cerqueira Caldas, Arruda, Leverger, invariavelmente recebiam a designação de Dona, e os filhos, o registro de legítimos (PERARO, 2001, p. 164).

Em se tratando de mulheres populares, na época em que a elite branca dominava o espaço da cultura oficial, falar de uma não branca era nos remetermos ao estudo de uma história vista por baixo, e aí, o problema é que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A grande dificuldade para o estudo dos mucambos tem sido a exiguidade de fontes. Até o presente momento, a documentação utilizada para o estudo deste fenômeno tem sido aquela produzida pelos responsáveis pela sua repressão. Em sua grande maioria esta documentação foi produzida no intuito não só de documentar a destruição dos quilombos, mas também de valorizar a ação dos repressores, tendo assim uma preocupação muito especial em destacar a ferocidade desses povoamentos (VOLPATO, 1991, p. 288).

Temos aqui um problema no que diz respeito às fontes. A relação dialética sobrados/mocambos carece de uma bibliografia mais crítica, no dizer de VOLPATO o que dificulta um melhor enquadramento na historiografia nacional. Pelo menos no centro-oeste brasileiro, em regiões ocupadas inicialmente por fluxos migratórios que giravam em função da exploração de minérios, isso parece ter sido uma constante.

Todos os poemas de *Epopéia mato-grossense* recebem uma epígrafe a título de preâmbulo para a viagem. Em *A Terra virgem*, primeira parte do livro publicado em 1930, (antes surgira na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso) são lembradas algumas aventuras da conquista, nomeados seus descobridores, aliás, os que aqui primeiro chegaram e deixaram seus registros escritos via cronistas da época. Em *A Colônia*, a relação com a Igreja se faz sentir bastante forte. Ao descrever o capricho com que fora confeccionada uma imagem do Bom Jesus, Mesquita ressalta com carinho o trabalho artesanal, a materialização do credo religioso com os caprichos da alma feminina.

DISCUSSÃO

Para Hannah Arendt, o conceito moderno de história vem da aceitação da imortalidade como algo que torna perene o discurso historiográfico. A ligação que essa visão tem com o universo da antiguidade clássica dá o tom que aproxima o devir histórico a um ambiente natural.

A história acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre (ARENDR, 2000, p. 78).

O transporte da imagem por via fluvial seguia o mesmo itinerário das Monções, subindo vários rios em busca da capital. A travessia era longa e demorada. Muitos obstáculos se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

apresentavam durante o trajeto. Cascatas, quedas abruptas em meio ao matagal, ou alagadiças por toda a extensão da planície pantaneira. Quando a imagem chega, finalmente a Cuiabá, é uma verdadeira festa, uma verdadeira dádiva. Se o discurso de BARBOSA DE SA atende aos interesses de um grupo social como melhor referência para contar-se uma história, é porque, segundo CERTEAU, uma obra de valor para a historiografia é

Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório (...). O livro ou o artigo de história é, ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como um laboratório. Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma realidade passada. É o produto de um lugar (CERTEAU, 2000, p. 73).

Outros perfis femininos povoam as suas escritas. Como pudemos demonstrar já no primeiro capítulo, Mesquita guarda para as mulheres a alentadora função de devotas às eis de Deus, embora não sejam apenas puras, castas, as senhorinhas descritas em seus versos, também as guerreiras, destemidas, que seguem o trecho na companhia de alguns homens, como a heroína do Carandá saudada desde os tempos de antanho, em meio aos Paiaguás, ferozes inimigos do migrante. Para ele, mulheres de fibra, mas que por trás de uma visão heroica traziam escondidas uma submissão a seus senhores, a quem deviam obediência e retribuía com prazer e ousadia.

A Era das Fundações traz a chegada dos primeiros homens interessados em fixar-se no local. Os embates perigosos com os selvagens pantaneiros dão como único troféu para os vencedores a primazia da chegada. Os plantadores de *ciudades* chegam em socorro à Vila Bela da Santíssima Trindade, guardiã colonial de nossas fronteiras, e em meio a isso tudo a graça e garra da Rainha do Quariteré, que:

La por onde o Galera as águas vai fluindo,
Foi de Quariteré o quilombo afamado,
Em que a negra Teresa o seu poder infindo
Exercera, em cruel e trágico reinado.

No mais ermo da matta ergue o seu throno lindo
A rainha que traz a seu sceptro curvado
O quilombo, a que vai nova gente affluindo,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na ânsia de livre ser, longe do jugo odiado.

Mas já de Villa Bela a tropa numerosa
Na pugna árdua e feroz os leva de vencida
E, presos, se lhes reabre a vida dolorosa...

Não Teresa, porém, que, esmagada e ferida,
Prefere a morte ao jugo e mostra, intemerosa,
Que é a liberdade só que dá valor à vida.
(MESQUITA, 1930, P. 320)

Teresa de Benguela é lembrada por José de Mesquita, pela sua coragem e bravura. Após a morte de seu marido, Zé Piolho, Teresa assume o controle do quilombo. O afluxo de cativos demonstrava o interesse em fugir da escravidão. As mulheres, sob o comando de Teresa, confeccionavam panelas de barro, produziam artesanatos diversificados. A parceria entre o poder público e o poder privado levou João Leme do Prado com 30 homens até o reduto. Proprietários de escravos, consorciados ao governo, saíram à caça dos fujões, que eram marcados com ferro em brasa, como fossem cabeças de gado, para se saber a quem pertenciam. Foram quarenta e três anos de resistência, de 1752 a 1795.

A história de Teresa não ficou bem clara até hoje. A negra amazona que, comparada a Cleópatra na epígrafe de Nogueira Coelho, mostra a mulher que não se contenta com os atributos clássicos de então: a mulher que esfria a barriga no tanque para esquentá-la em seguida, no fogão.

No Cyclo Imperial surgem os paranistas, o velho santeiro, a Jacobina. Paralelo a isso tudo repousa a linda flor da selva, índia Rosa lembrada por Estevão de Mendonça na epígrafe e que é descrita pelo poeta como

Linda flor dos sertões de minha terra agreste,
Mais que às tuas irmãs te foi cruel a sorte:
Iracema de luz romântica se veste
E Lindoya encontrou o consolo na morte (MESQUITA, 1930, p. 318).

Paixão e sacrifício: dois vocábulos bastante caros a Mesquita para saudar a índia Rosa. Na comparação a dois ícones da literatura brasileira repousa o esteio romântico de nosso poeta.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Iracema, de José de Alencar e Lindóia, de Basílio da Gama. A musa de Alencar em busca de uma aventura em que trai a tribo em nome do amor, a de Basílio, a exemplo de Cleópatra oferece seu braço à serpente para se livrar de um casamento indesejado com o filho de um jesuíta. Lindóia tinha em Cacambo, guerreiro assassinado pelos portugueses na batalha contra os Sete Povos das Missões, seu grande amor. O relacionamento entre os dois anuncia, em pleno século XVIII o surgimento de características típicas da estética romântica em seu viés indigenista. “O amor de Cacambo e Lindóia, por exemplo, domina em qualidade e beleza a parte restante do poema. O episódio da morte de Lindóia está, aliás, entre as mais altas realizações da poesia brasileira” (BACKES, 2000, p. 05).

Em Mesquita, as Mulheres de Coimbra contribuem, tal qual as Mulheres de Atenas, para Chico Buarque, ou a Penélope de Ulisses, para distinguirem-se de outras tantas por trabalharem na confecção de cartuchos para os embates da guerra dos Paiaguás. Por trás do esforço do marido, do irmão ou do pai, “(...) mostram-nos, nesse exemplo altíssimo e eloquente, que as mãos que para o amor são feitas de velludo,são, diante do dever, de boicote resistente! (MESQUITA,1930, p. 320).

Em epígrafe de Taunay, extraída de *A Retirada de Laguna*, Mesquita nos apresenta a preta Anna que, na melhor tradição das enfermeiras dos tempos de guerra

Qual de ludro atastal, por vezes, surge, o lente,
Uma flor, assim tu, mulher e obscura
Que, nas horas do prelo, ias da tropa à frente,
Aparição marcial de olympica bravura!

A tua condição mísera e deprimente
Resgatou-a bondade e acrysoldada e pura
E, através do passado, esplende, à luz fulgente
Da tua alma de neve, a tua effigie escura.

Junto ao ferido foste a sédula enfermeira,
Dedicada, a pensar-lhe as chagas, com piedade,
Entre o negro do fumo e o rubro da sangueira.

E dos teus seios jorra o leite da bondade
Com que há de, Anna Mamuda, heróica vivandeira,
Rija, se abeberar a nossa mocidade.
(MESQUITA, 1930, p 323).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A imagem do leite jorrando dos seios da negra, bem como a da enfermeira à cabeceira do doente coloca a imagem da mulher negra como serviçal do branco. A primeira, como ama de leite, a segunda como zelosa guardiã da saúde do sinhô, ambas em relação plena de subserviência. Por mais que se construa um itinerário que identifique as preferências sexuais do homem branco ao modelo clássico de beleza, ou seja, a mulher branca, o que se percebe, seja em depoimentos históricos ou em relatos ficcionais, o enorme atrativo que as negras, *crioulas*, exercem sobre os brancos, e vice-versa. Quer seja em *Nega Fulô*, de Jorge de Lima, quer seja com *Bertoleza*, de Aluísio de Azevedo¹²³, ou em *Nana* de Èmile Zola.

Por se tratar de uma questão de gênero, é curioso perceber que a condição feminina está sujeita a um imperativo maior do consumismo primitivo. As práticas culturais que uniram os interesses da medicina com os da economia e política, resultantes de uma sociedade de classes em franca expansão tiveram aqui no Brasil repercussão similar ao que ocorreu na Europa.

CONCLUSÃO

Com a leitura e conhecimento do amplo espectro que a obra de Mesquita representa, podemos afirmar, sobretudo com base em artigos publicados no jornal *A Cruz*, que seus comentários sobre Spencer, Darwin, Tayne e Comte, entre outros, fazem de suas leituras um espaço tributário da produção intelectual europeia da segunda metade do século XIX. Alguns aspectos evolucionistas são pinçados por MESQUITA em sua verve literária e historiográfica, e para demonstrar isso reforçamos a nossa posição com RAGO:

Herbert Spencer, como Darwin, afirma que o campo de atuação da mulher na sociedade deveria ser limitado para a salvação da raça. Afinal, segundo ele, se ela dispendesse muita energia em estudos e atividades públicas, a força necessária para a procriação seria desviada (RAGO, 1988, p. 12).

Falar de raças no Brasil da incipiente república do período anterior a 1930 é pisar em solo movediço, naquela areia que se movimenta levando para uma perigosa armadilha os pés desprovidos de um bom calço. Com toda a produção científica ao alcance das elites dirigentes, restava ao populacho se divertir com as sobras do banquete. Perceber o tratamento dispensado ao



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

negro e ao índio durante toda a história de nosso país é ter a certeza de que democracias raciais e sociais no Brasil ainda são meros conceitos distantes da realidade palpável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BACKES, Marcelo. Prefácio. In: O Uruguai. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

MARTINS, Ana Paula Vesne. O caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. In: História – questões e debates. Curitiba: UFPR, 2001.

MESQUITA, José de. Epopeia mato-grossense. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá: RIHGMT, 1930.

_____. O sentido da literatura Mato-grossense. In: Revista da Academia Mato-grossense de Letras. Cuiabá: RAML, 1937.

_____. Gente e coisas de antanho. Cadernos cuiabanos, nº 4. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1978.

PERARO, Maria Adenir. Bastardos do Império. São Paulo: Contexto, 2001.

RAGO, L. Margareth. Amores ilícitos na Paris de Émile Zola. In: História e perspectiva. Uberlândia: UFMG, 1988.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Cativos do sertão. Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá – 1850-1889. São Paulo: USP, 1991.